

SERVIÇO SOCIAL E EDUCAÇÃO

José Walter CANÔAS*

- RESUMO: O artigo considera tanto o serviço social, quanto a educação como práticas profissionais situadas no contexto das relações sociais concretas da sociedade, ambas inseridas no contexto do Estado e do Conjunto da Sociedade Civil e Política. Não existindo, assim, práticas sociais, tanto para o Serviço Social como para a Educação - fora da sociedade humana, pois não existe homem no vazio, ambas as práticas expressam dentro da divisão social do trabalho, especificidades e especializações, adquirindo no quadro geral das profissões sentidos diferentes, complementares ou de mesmas similitudes e simetrias. Permanecendo, entretanto, entre elas, uma relação dialética e de complexidade, tipificando críticas, voltadas tanto para um tipo de serviço social, paternalista, assistencialista, reformista ou transformador, quanto para um tipo de educação, alienante, subserviente, que tende a produzir e a reproduzir o sistema vigente de dominação capitalista: ambas bloqueadoras ao direito humano de construir seu destino histórico de escolhas e crítica.
- PALAVRAS-CHAVES: Educação; Serviço Social; Estado Conjunto da Sociedade Civil e Política; *Práxis*; Conselhos Gestores; Serviço Social Escolar.

Nosso propósito nesta reflexão, é o de apresentar uma seqüência de idéias, afirmando, de início, que tanto o serviço social, quanto a educação são práticas profissionais situadas no contexto das relações sociais concretas da sociedade, ambas inseridas no contexto do Estado e do Conjunto da Sociedade Civil e Política.

Acreditamos não existir prática social, tanto para o Serviço Social como para a Educação – fora da sociedade humana – pois não existe homem no vazio, mas sim, imbricado com relações sociais concretas. E, ainda mais, ambas as práticas sociais, acima referidas, expressam dentro da divisão social do trabalho, especificidades e especializações próprias, adquirindo no quadro geral das profissões, por exemplo, valores simultâneos, que tanto para o profissional assistente social, como para o pedagogo, têm sentidos não muito diferentes, mas, sim, complementares ou de

* Docente do Departamento de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UNESP – Franca/SP – CEP: 14400-690 – E-mail:
Serviço Social & Realidade, Franca, 16(1): 163-168, 2007

mesmas similitudes e simetrias. Pairam, entretanto, entre essas práticas profissionais, uma relação dialética e de complexidade, tipificando críticas, voltadas tanto para um tipo de Serviço Social, paternalista, assistencialista, reformista ou transformador, quanto para um tipo de educação, alienante, subserviente, que tende a produzir e a reproduzir o sistema vigente de dominação capitalista: ambas bloqueadoras ao direito humano de construir seu destino histórico de escolhas e crítica. Nessa interdisciplinaridade, por exemplo, entre as conexões possíveis pedagogia e Serviço Social, estamos de acordo de que a educação não é um negócio, domesticação ou somente qualificação para o mercado; e sim, criação, e preparação para a vida. Também, sabemos que o Serviço Social não dociliza ou conforma o ser humano ao ajustamento de suas servidões; mas, sim, estimula processos de libertação e emancipação política junto aos sujeitos que lutam contra a sociedade mercantil, a alienação e a intolerância.

Autores críticos como Marx, Mészáros e Paulo Freire, discutem práticas educativas e políticas, pensando uma sociedade em processo contínuo de transformação, onde a qualidade de ser humano, projeta as condições objetivas para a superação da lógica desumanizadora do capital, do individualismo, da competição sem limites ético – políticos.

A propósito desses autores, é bom lembrar, em síntese, que todos apontam na direção de que a educação deve ser sempre continuada, permanente, ou não é educação. Interessante, nesse contexto, é resgatar Marx, em suas Teses sobre Fierbach, como que dando um mote, aos demais autores citados, ao afirmar a possibilidade da transformação da sociedade requerer nova prática educacional, crítica e facilitadora dos processos de educação, tanto para os educadores quanto para os educandos. Mészáros, interlocutor de Marx, trabalha, com vigor, a perspectiva dos educandos trabalharem as mudanças necessárias para a construção de uma sociedade na qual o capital não explore mais o tempo de lazer, pois o que as classes dominantes impõem é uma educação para o trabalho alienante, com o objetivo de manter o homem dominado. Propõe a educação libertadora que teria como função, transformar o trabalhador em um agente político, que pensa, age, e usa a palavra como arma para mudar a realidade. Paulo Freire, imbricado com essas idéias, concretiza, também, uma proposta universal da educação como sendo uma prática de se

educar para a liberdade. Permitindo, ousar pensar-se, em uma síntese, das práticas educativas similares, autônomas, interdisciplinares, tanto do serviço social quanto da educação: ambas as práticas voltadas para a libertação humana, pois, sempre existirá uma maneira diferente e original para o ser humano organizar a sua vida no planeta.

Em resumo, julgamos haver, cada vez mais forte, um consenso em apontar na direção de que as práticas educativas, dos pedagogos ou dos assistentes sociais, têm propósitos críticos e libertadores na construção de um projeto ético-político-educativo para a realidade brasileira. A dinâmica conjuntural, impõe uma tomada crítica de atitudes políticas tanto para os pedagogos quanto para os assistentes sociais, mobilizando-os para fazerem algo em comum, quando verificam que seus alunos ou usuários dos serviços pedagógicos ou sociais, escolhem, como alternativa, ficar fora da sala de aula ou não aceitarem o tipo de ajuda prestado pelo serviço social. Recentemente contatei um grupo de professoras que reclamavam de seus alunos por preferirem brincar em lugar perigoso e de grande risco, pois ficavam em cima da caixa – d'água, atirando objetos ou correndo pelas beiradas perigosamente de uma construção, do que assistirem suas aulas, preferindo, mesmo, ficarem no pátio da escola. Acredito que esses educandos, não faziam nada de diferente do seu dia-a-dia, pois o comum para eles, era, ao saírem da escola atravessar trilhos eletrificados de um caminho de ferro, pegarem carona, dependurados como pingentes nos trens, em alta velocidade, fora outras aventuras eletrizantes com suas bicicletas e ônibus urbanos, num tráfego alucinante. O que procuramos aqui enfatizar, é que as abordagens mais adequadas, tanto do educador, quanto do assistente social, com seus usuários ou educandos, nessa situação relatada, precisa ser repensada como uma relação social de educação recíproca do educador e dos educandos, levando-se em conta as condições das salas de aulas pouco atrativas, sem equipamentos pedagógicos, insuficientemente ventiladas, etc. e, muitas vezes, pesa, ainda, o despreparo dos profissionais para atenderem seus usuários em seus interesses e projetos de organização de suas vidas.

Encontramos, no planejamento das políticas sociais, educacionais e assistenciais, muitos educadores que não entendem de Serviço Social e, mesmo assistentes sociais que não entendem de Pedagogia e Educação. Isto ganha visibilidade para ambas as

práticas educativas, principalmente quando encontram – se, seja no trabalho transdisciplinar prático ou no planejamento do trabalho em equipe, quando vem à tona a disputa relativa entre os efeitos estratégicos da educação, no longo prazo, e a tática do serviço social, na intervenção no curto prazo. Ou mesmo ao contrário; ou, ainda, quando ambas as práticas profissionais se omitem e se contradizem em suas simultaneidade e reciprocidade, no contexto da análise e intervenção no real, esquecendo-se que elas são ao mesmo tempo práticas estratégicas e táticas, voltadas para os processos de facilitação e ajuda ao crescimento, desenvolvimento e organização da vida pessoal, grupal e social.

Supõe-se que ambas as práticas sociais estão socialmente determinadas em seus traços fundamentais e são produtos históricos e mutáveis de seus agentes profissionais. Tanto a Educação, quanto o Serviço Social, são atividades humanas e como qualquer *práxis*, presta-se a uma formação. Ambas as práticas profissionais estão voltadas para as atividades do ser humano global, pois planetário, expressando-se em práticas do ser humano enquanto produtor, consumidor e criador, numa só totalidade. Abrangendo, assim, as *atividades da práxis*: sócio-profissional, sócio-cultural e artística. Pois, essas atividades, por exemplo, estão objetivadas, na produção, como resultante da contradição nas relações sociais de produção; na prática política, como resultante da contradição entre dominadores e dominados; na prática cultural, como resultante da contradição entre a cultura burguesa e a cultura proletária.

Ressalta-se, também, outra característica, ou seja, a experiência histórica da incorporação da Forma Coletiva de Gestão, tanto para a Educação quanto ao Serviço Social, encontrada na representação histórica dos Conselhos Gestores. Estes, inauguram uma novo tipo de política pública e de participação política cidadã que propicia a interação mais ampla entre o Governo e a Sociedade Civil e Política.

Os Conselhos Gestores são importantes mecanismos de renovação democrática porque são fruto de lutas e demandas populares e de pressões da Sociedade Civil e Política com força de intervirem de maneira indireta na Administração Pública. São, além do mais, novas formas de expressão dos segmentos organizados da sociedade e novos instrumentos de representação e participação, com forte potencial transformador e organizador do

Poder Político – Cultural. Pois, propiciam, viabilizam e efetivam, como, por exemplos, no caso do Conselho dos Idosos e da Criança e dos Adolescentes, a realização de projetos sociais e políticos numa dimensão antes não imaginada em nossa sociedade.

Os Conselhos Gestores têm um papel importantíssimo a desempenharem na realidade social brasileira; muitos têm que ser regularizados e estimulados para funcionarem mais adequadamente para uma sociedade mais democrática, onde a luta de interesses diversos efetivem-se em decisões não só consultivas, mas de caráter mais deliberativo, pois deliberando no interesse coletivo é que se realizam as Políticas Sociais.

Portanto, os Conselhos Gestores apresentam-se para a *práxis*, ou da Educação ou do Serviço Social como oportunidade de jogo educativo, a ser jogado de maneira decisiva, no processo de democratização da sociedade, pois essas forma e conteúdo de *atividades práticas*, rompem fronteiras entre a distância do poder do cidadão no Conjunto da Sociedade Civil e Política e o Governo. Aproxima, enfim, o Estado, do poder local, combinando formas de democracia direta com formas de governo indireto, mais adequada a uma sociedade autônoma, participativa e crítica.

Destacamos, em síntese, duas experiências com os pedagogos e os assistentes sociais as quais citaríamos como referência, para repensarmos a *práxis educativas* e ocorridas em 1996. Uma delas, diz respeito a experiência com estágios em Serviço Social Escolar da UNISANTOS, que se estendeu da Cidade de Santos/SP para outras do Litoral Paulista, caracterizando-se como uma proposta prática do serviço social escolar, que apresentava, com êxito, a intervenção do Serviço Social em Escolas Municipais. Enquanto isso ocorria nessa Cidade, outra proposta, semelhante e mais ampla, era apresentada ao Governo Mário Covas, no intuito de que o Estado de São Paulo fizesse algo além do que o Município fazia com competência. Essa proposta endossadas pelo CRESS à época, foi vetada pelo Governador do Estado, com forte argumentação da Secretaria da Educação.

Destaca-se, ainda, a proposta, da Prefeitura de Porto Alegre, RS, que também registra a inserção do Serviço Social junto a Educação Municipal, com sucesso. Essas experiências são encontradas relatadas em Revistas Técnicas e merecem ser conhecidas e divulgadas, pois seus resultados positivos alcançados recolocam na Mídia o debate sobre tema Serviço Social e

Educação. Registra-se, assim, o que a prática teórica da Educação e do Serviço Social, junto, já produziram E, conhecendo-se essas realidades, aparentemente contrárias, pode-se trilhar caminho mais seguro para definição de metas, planos e relacionamentos entre essas categorias transprofissionais.

CANÔAS, J. W. Social Service and education. *Serviço Social & Realidade* (Franca), v. 16, n. 1, p. 163-168, 2007.

- *ABSTRACT: The article considers the social service as well as the education as professional practices located in the context of the concrete social relationships of the society, both inserted in the context of the State and the Group of the Civil and Political Society. Not existing, this way, social practices, for the Social Service as well as for the Education - out of the human society, because man does not exist in the emptiness, both practices express inside of the social division of work, specificities and specializations, acquiring in the general world of the professions different meanings, complementary or of same similarities and symmetries. Remaining, however, among them, a dialectics and of complexity relationship, typifying critics, turned to a type of social service which is paternalist, assistantialist, reformist or transformer, as well as for a type of education which is alienating, obsequious, that tends to produce and to reproduce the effective system of capitalist dominance: both blocking ones to the human right of building its historical destiny of choices and critic.*
- *KEYWORDS: Education; Social Service; United State of the Civil and Political Society; Práxis; Management Councils; School Social Service.*

Referências Bibliográficas

DEBATES SOCIAIS n. 59 – ANO XXXVI (2001) 2º Semestre. Prêmio CBCISS, Araá 30 anos. Número Especial. Publicada editada pelo Centro Brasileiro de Cooperação e Intercâmbio de Serviços Sociais – CBCISS – ISSN 0011-7242.

LEOPOLDIANUM. Revista de Estudos e Comunicações da Universidade Católica de Santos. Ano 24 – Maio, 1998. Edição Especial da Faculdade de Serviço Social, n. 1 – ISSN 0101-9635.

Artigo recebido em agosto/2006. Aprovado em fevereiro/2007